

1 Introdução



13/05/1901 – 13/08/1975
Fotos¹

Propomos, neste trabalho, estudar o erotismo na poesia de Murilo Mendes, sobretudo as relações que o poeta estabelece entre o amor, o erotismo e a religiosidade, fundamentais na construção de sua poética.

Dizendo-se um poeta da modernidade e não do Modernismo, nessa poética basilar da negatividade, da fragmentação oriunda das transformações e do caos do mundo moderno que também atravessam sua arte poética, Murilo é o

poeta da totalidade. Conciliador de opostos, utiliza em sua lírica uma linguagem simbólica que o torna universal. É um poeta para além do seu tempo, um visionário. Para José Guilherme Merquior (1996, p. 70), em seu livro *Razão do poema* “Murilo não vinha apenas renovar uma tradição artística – a da nossa lírica moderna – [...] vinha, para [...] acrescentar aos nossos modos poéticos algo de novo, de impraticado anteriormente”.

Inserido na segunda geração de poetas do Modernismo brasileiro, que se caracterizou por uma reaproximação das fontes tradicionais, Murilo é uma das vozes inovadoras da lírica moderna por suas reflexões contundentes sobre a condição humana.

Sua lírica possui a singularidade no instante em que a palavra ultrapassa o limite da naturalidade para ingressar num estágio de abstração. Palavra e imagem são essenciais para a realização do discurso literário.

A experimentação linguística em sua poesia é, para Gilberto Mendonça Teles (1985, p.102), a maneira de ele “contemplar a linguagem” e “de submeter a

¹ As fotos foram cedidas pela Universidade Federal de Juiz de Fora e encontram-se no Museu de Arte Moderna Murilo Mendes, em Juiz de Fora.

matéria poética a uma técnica de esfriamento, pesquisando-a dos mais diversos ângulos e quase sempre oferecendo soluções estéticas eficazes”.

As invenções e os processos que transitam na poesia de Murilo Mendes são oriundos da sua inquietude diante dos seres, do mundo e das coisas, inquietude que o conduz ao processo onírico de criação, de signos e de imagens, cujos objetivos transpõem os limites da poética tradicional. Gilberto Mendonça Teles (1985, p. 106) ressalta: “criar dentro da tradição exige um saber desta tradição e, mais ainda, exige um teor de originalidade que ultrapasse a própria tradição”.

Murilo Mendes utiliza-se da linguagem que se pretende transformadora. O experimentalismo formal se concentra nas possibilidades grafofônicas das palavras, cujo fim é a colagem que resulta em infinitos neologismos e na redefinição gráfica do texto, perceptível principalmente nos últimos livros do poeta, numa inventividade poética que lhe permite dar novos sentidos aos textos quando refletem as experiências com Deus, a mulher, o amor e o erotismo expressos em seus poemas. Murilo se enquadra perfeitamente nas maneiras de comportamento da composição lírica moderna apontadas por Hugo Friedrich (1978, p. 17) “– sentir, observar, transformar – é esta última que domina na poesia moderna e, em verdade, tanto no que diz respeito ao mundo como à língua”.

Nesse processo discursivo e dialógico, tanto o texto prosaico quanto o poético se entrelaçam, num embate criativo em que um está a serviço do outro: há prosa na poesia e poesia na prosa.

Nos caminhos da literatura, Murilo escreveu para jornal e revistas. Foi colaborador do jornal “A tarde”, de Juiz de Fora, no qual publicou *Crônica Mundana* e *Bilhetes do Rio*. No primeiro escreveu “O poema de Maria” seu primeiro texto literário.

Enveredando pela poesia, publica poemas na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo (SP) e na revista *Verde*, de Cataguases (MG). Estreia na literatura no ano de 1930 com a publicação, pela editorial Dias Cardoso, de Juiz de Fora, do livro *Poemas*, escrito entre 1925 e 1929, seguindo a essa, outras publicações. Nesse livro, além de retratar quadros pitorescos da passagem e da gente do país, a ambivalência do material poético permite que o sexual e o religioso transitem no mesmo espaço. Tarcilla Couto (2005, p. 29) afirma que o erotismo presente em *Poemas* resulta da engenhosidade do poeta ao expressar a sexualidade por meio de

uma linguagem sublime que o espiritualiza. Esse erotismo se ramifica em outros livros do poeta.

A literatura erótica que se iniciou nos hinos dos deuses da fertilidade e no louvor a Eros visa ao prazer sexual como fim em si mesmo. O erotismo então se constitui no prazer, nas paixões, na busca de uma coerência que estabeleça a intercomunicação, a interdependência e a unidade daqueles que, pelo mecanismo da sedução, acolhem seus sentimentos ao se verem sob o domínio do amor.

No campo das representações, o amor é o eixo para a existência do erotismo, embora se reconheça a dificuldade de se distinguir amor de erotismo, sobretudo quando estamos dominados a um tempo por paixão e desejo.

Por amor, na maioria das vezes, compreende-se o amor erótico, que implica o ato sexual. O amor entre o homem e a mulher representa o desejo de fusão interpessoal, em que se configuram o erotismo e a busca pelo ideal e pela essência última das coisas. É descobrir-se um ao outro, força vital da união que contribui para manter a sociedade.

Porém, a pessoa amada não deve se constituir em “objeto” desse sentimento. O amor individualizado é simbólico e egoísta. Erich Fromm (2000, p. 58) escreve “se eu amo de verdade uma pessoa, amo todas as pessoas, amo o mundo, amo a vida”.

Em *O banquete*, de Platão (1977, p. 50-4), discurso para celebrar o amor, Diotima, sacerdotisa e instrutora de Sócrates para “os fenômenos do amor”, argumenta: “o Amor é um ser intermediário entre os deuses e os mortais, e filósofo; ele nos inspira o desejo de ter sempre o bem; sua ação é uma geração que garante aos mortais a imortalidade que lhes é possível”.

Não obstante o amor regulamentar desejos e paixões, Diotima também o relaciona ao belo, pois todo belo é o Amor, que estaria ligado a ações como: amar os belos corpos; compreender a beleza em todos os corpos; fazer-se amantes de todos os corpos sem violentar apenas um só, considerar a beleza da alma mais valiosa que a do corpo.

Para Sigmund Freud (2003, p. 65), o amor é manifestação da libido voltada para os outros ou para si mesmo: “a libido de nossos instintos sexuais coincidiria com o Eros dos poetas e dos filósofos, o qual mantém unidas todas as coisas vivas”.

Manuel Bandeira (1986, p. 142) percebe o amor como revelação, mistério que compreende a realização de um desejo subjugado aos corpos e não apenas ao imaginário. No poema “A arte de amar”, a vivência erótica se efetiva no contato corpóreo: “Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo. / Porque os corpos se entendem, mas as almas não”. Contrapondo-se ao pensamento de Bandeira, Adélia Prado (1991, p. 57) no poema “Disritmia” afirma que “erótico é a alma” e extrapola o sentido do amor / erotismo ao colocá-lo acima do prazer centrado apenas no corpo físico.

Seja corpo seja alma, o erotismo permeia as artes e a literatura de qualquer época. Com frequência, os erotólogos o relacionam à pornografia.

Nesse jogo para assegurar o prazer, o erótico se insere num tempo numinoso, oriundo do encantamento, da beleza, dos desejos e do prazer, que se opõem às peripécias mais vis desta área semântica limítrofe: a pornografia. Lúcia Castelo Branco (1983, p. 70) corrobora as afirmações anteriores ao dizer: “uma das discussões mais antigas que surgem quando se fala de erotismo, sobretudo quando se pretende analisar as manifestações de Eros na arte, coloca-se em torno da distinção entre erotismo e pornografia”.

Os vocábulos “erótico” e “pornográfico” não devem ser irmanados nem confundidos um com outro. A palavra erotismo surgiu no século XIX, derivado do adjetivo grego *erotikós*, ‘amoroso, amatório’, originário do substantivo grego *éros*, *érotos*, ‘amor’, particularmente ‘amor sexual’, matriz do *erotismo*. Caracteriza-se pelo lirismo, enquadrando-se perfeitamente no aspecto sensual e lascivo.

Portanto, o erotismo se vincula ao que é inspirado pelo amor, mitificado na figura de Eros, o deus grego do amor erótico, que representa as forças abstratas do desejo. Aparece pela primeira vez em a *Teogonia* de Hesíodo (séc. VII a.C.) como força vital unificadora e com poder de perpetuar o universo. Para Hesíodo, “ele é *Kallistos*, ‘o mais belo entre os imortais’” (Brunel, 2000, p. 319-24) irresistivelmente desejado.

A palavra pornografia tem origem no grego *pornô-graphos*, literalmente, escrita prostituta, ou seja, texto que vende prazer, tal como as meretrizes. A origem do termo também é reivindicada pelo museu de Nápoles, que criou uma sala específica para guardar objetos e pinturas eróticas originárias das escavações de Pompéia. Assim, “pornográfico”, de *pórne* = prostituta + *grapho* = descrever,

liga-se à pornografia que circula na sociedade, por meio de revistas, catálogos, folhinhas, figuras, grafites, fotografias, filmes, espetáculos, obra literária ou de arte. Trata ainda de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar a sexualidade do indivíduo, conduzi-lo à devassidão e à libertinagem e relaciona-se a profissionais do sexo que trabalham em função do erotismo.

Para Francesco Alberoni (1997, p. 87), “o erotismo é uma fantasia de identificação com as partes eróticas do corpo [...]. A pornografia é obscena porque faz isso de maneira errada e no momento errado”.

O poeta e crítico literário Gilberto Mendonça Teles (2003, p. 211) no poema “Erótica II” utiliza-se do jogo de palavras para relacionar erótico e pornográfico: “Quero pôr no gráfico / um poema erótico / e medir as curvas / de seu corpo e alma. / Pesquisar seu número / de murmúrios líricos / ver a sensual - / idade das palavras: / seja sob máscaras / ou desnudas, límpidas; / seja de grinalda / no calor da orgia”.

Sobre o erotismo na literatura brasileira, Afrânio Coutinho (1979, p. 23) não reluta em afirmar “que não há escritor brasileiro que não haja pago o seu tributo à força de Eros”. Tanto na prosa quanto na poesia de escritores brasileiros o erotismo é saboreado por meio de cenas e palavras que dinamizam a ação erótica revelada em textos que encantam e aguçam a imaginação dos leitores por criarem artimanhas voltadas ao prazer, ora de modo mais provocante, ora de modo mais sutil. Impulsionados pelos seus desejos e pelas inovações, os autores abrigam em seus textos histórias eróticas, num jogo de representações em que o amor pode ser contido, sublimado ou escancarado.

Essa literatura libertina nos remete aos textos elegíacos romanos, nos quais os poetas, escravos da paixão, cantam em primeira pessoa, o amor devasso sob vários aspectos. A elegia² se configura como modelo de poesia amorosa em que os poetas relatam os desvarios amorosos da alta sociedade, cujas heroínas, mulheres levianas e impuras, compõem o quadro de *demi-monde*, ou, de acordo

² “A elegia trata as mulheres de vida irregular como heroínas da Fábula e os senhores como amantes febris [...] ela se passa num mundo de ficção onde as heroínas são também mulheres levianas, onde a realidade só é evocada por *flashes*, e por *flashes* pouco coerentes; de uma página a outra, Delia, Cíntia poderiam ser cortesãs, esposas adúlteras, mulheres livres; o mais frequentemente, não se sabe o que elas são e não se está preocupado com isso; são mulheres de vida irregular, é tudo” (VEYNE, P., *A elegia erótica romana*, p. 16-7).

com Paul Veyne (1985, p. 10), o "mundo das mulheres de reputação e costumes equívocos e daqueles que o freqüentam".

Afonso Romano de Sant'Anna, ao prefaciar o livro *O amor natural*, de Drummond de Andrade (2003, p. 14), despe os poetas brasileiros de quaisquer pudores ao escrever: "está na hora de o erotismo (ou pornográfico?) fazer parte natural da obra dos poetas". E salienta: "afinal, há alguns milhares de anos que amamos desvairadamente de todas as formas registradas ou não no Kama Sutra e nos murais de Pompéia".

Pornográfico ou não, os escritores não se desviam das palavras para falar de corpo, sexo e amor. Para eles, Amor é essencial, nada mais nobre que versejar em meio a orgasmos que a palavra proporciona. Por isso, compõem poemas sensuais que contemplam partes do corpo nas quais o erotismo abunda.

Estabelecida a distinção entre amor, erotismo e pornografia, com o propósito de entender o jogo de sedução que atravessa a arte poética muriliana, discutiremos o que pensam alguns escritores sobre o erotismo antes de tratarmos dessa questão na poesia de Murilo Mendes, não apenas pelas idéias em si, mas por um mote que nos possibilite saber sobre quais trilhas o poeta mineiro seguiu nos domínios de Eros.

Francesco Alberoni (1997, p. 31-2) distingue duas modalidades de erotismo que se circunscrevem ao meio social: o erotismo masculino e o feminino. O primeiro "é ativado pela forma do corpo, pela beleza física, pelo fascínio, pela capacidade de sedução"; o segundo "é profundamente influenciado pelo sucesso, pelo reconhecimento social, pelo aplauso, pela classificação no elenco da vida". Esse jogo erótico entre o homem e a mulher gera inquietudes que são próprias da natureza humana.

Georges Bataille (2004, p. 27) destoa de Alberoni ao fundamentar seu estudo sobre erotismo cientificamente: vincula-o à reprodução, que considera a chave do erotismo, pois é nesse ato que se instaura o processo de continuidade e de descontinuidade dos seres vivos. Essa descontinuidade é restabelecida com a morte e se manifesta por meio da reprodução, que está intimamente associada à morte. Bataille considera que "essencialmente, o campo do erotismo é o campo da violência, o campo da violação". Propõe três tipos de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado, nos quais estão presentes:

sofrimento, violência, angústia, prazer, paixão, amor, continuidade, descontinuidade.

Octavio Paz (1994, p. 12-18) não adere ao cientificismo de Bataille para tratar de erotismo, mas o associa à sexualidade. O “erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora”, é a sexualidade socializada. A diferença entre eles se concentra na variedade de formas, manifestas em todas as épocas: “o erotismo é sexo, natureza [...]. Sem sexo não há sociedade, pois não há procriação; mas o sexo também ameaça a sociedade. Como o deus Pã, é criação e destruição”. Há momentos em que ele se identifica com Bataille, quando diz que o “erotismo propicia a vida e a morte”, ainda que, em seguida, o conteste ao afirmar que “o erotismo [...] também nega a função reprodutiva”, pois enaltece o prazer.

A linguagem é o componente que materializa o prazer, dá o tom da poesia e denota circunstâncias que exprimem sensações motivadas por uma erótica do corpo. Tanto no ato poético quanto no erótico há um entrelaçamento das respectivas linguagens, embora saibamos que as palavras não comportam os mesmos significados, podendo, inclusive, não ocorrer comunicação no ato poético, nem reprodução no ato erótico.

Algumas ideias expressas por Mircea Eliade (199-?) sobre o sagrado, o profano e a religião podem ser relacionadas ao erotismo e à religiosidade na poesia Muriliana. Para Mircea Eliade, o que se considera como sagrado constitui uma realidade diferente da natural. Contudo, qualquer objeto da ordem natural pode manifestar uma hierofania³, momento da revelação.

As normas ou rituais de contato e relação com o sagrado constituem a religião, palavra cujo sentido etimológico, advindo do latim *religare*, é religação, reunião. O impulso erótico seria, como afirma Lúcia Catelo Branco (2004, p. 67), uma tentativa de “recompor a antiga natureza” e “restaurar a antiga perfeição”.

Oposto ao sagrado (sacer), entendemos o profano como o que está “misturado, confuso, homogêneo”, palavras que evocam a relação sexual, em que

³ “Nunca será de mais insistir no paradoxo que toda a hierofania constitui, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objecto qualquer tornar-se outra coisa, e contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do seu meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (com maior exactidão: de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Por outros termos, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é susceptível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania” (ELIADE, M., *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, p. 26).

os corpos, de certo modo, buscam se confundir, se misturar e se tornar homogêneos.

O sagrado, o profano e a religião nos recordam o tema bíblico do paraíso, jardim do éden, jardim dos prazeres, os interditos e a transgressão, chamados pecados cometidos por Adão e Eva, que teriam consistido, pelo que se depreende, numa relação sexual fora das normas.

A distinção entre os termos destacados até aqui nos auxiliará na efetivação da proposta deste trabalho, ou seja, estudar o erotismo na poesia de Murilo Mendes.

Adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, que compreende a leitura da obra do autor *Poesia completa e prosa*, e de alguns pressupostos teóricos de autores que, embora pertençam a áreas de conhecimentos diferentes, escreveram sobre o erotismo e a religiosidade. Estamos nos referindo aos seguintes autores e suas obras: *O erotismo, Enamoramento e amor*, de Francesco Alberoni; *O erotismo*, de Georges Bataille; *A dupla chama: amor e erotismo*, de Octavio Paz; e *O sagrado e o profano*, de Mircea Eliade.

A preferência por esses autores se deveu ao fato de que seus escritos sobre erotismo e religiosidade nos possibilitaram compreender a ocorrência dessas vertentes e de outras afins na poesia de Murilo Mendes. Isso não quer dizer que desconheçamos estudos importantes de outros autores sobre o erotismo, os quais poderão ser utilizados por nós em trabalhos futuros, pois o assunto e suas relações conceituais não se esgotam por completo em uma pesquisa acadêmica.

Além dos autores citados, utilizaremos estudos realizados por Daniela Alves, Irene Franco, Laís Araújo, Leila Barbosa e Marisa Rodrigues, Marcondes de Moura, entre outros. Esses estudiosos foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Observaremos, neste trabalho, as relações entre amor, erotismo e religiosidade, por meio de uma poética cujo tutor – Murilo Mendes – é um poeta de espírito ecumênico, educado em atmosfera de tolerância religiosa, que se inicia em sendas eróticas pelo aconchego das amas de leite, Etelvina e Sebastiana, elementos africanos que tiveram influência marcante na formação de sua personalidade, como forças motrizes de sua poesia tão carregada de erotismo, principalmente a primeira, que, como disse o próprio poeta, “trouxe-nos o fogo” e foi a “ajudante da palavra” (IS, p. 898). Ela pode ser considerada como uma

possível fonte de inspiração para o erotismo em sua poesia. O poeta, desde muito cedo, mostra-se fascinado por todas as mulheres possíveis e pelos jogos verbais.

É salutar estudarmos o erotismo como materialidade de um desejo, seja carnal, seja espiritual, na poesia lírica de Murilo Mendes. Como se pronuncia Tarcilla Brito (2005, p. 29), “na embriaguez erótica dessa poesia, todas as vidas que ele não viveu se inflamam para manifestar seu desejo de profundidade” em “múltiplas formas de prazer”.

Os motivos que nos levaram a optar por uma abordagem do erotismo na poesia de Murilo Mendes foram o interesse pela atualidade do tema e o fato de não encontrarmos estudos sistematizados sobre o erotismo relacionados à sua obra completa. Encontramos, sim, em algumas produções acadêmicas, referência ao tema que é, senão fascinante, pelo menos intrigante e instigante.

Para analisar a recorrência do erotismo na poesia de Murilo Mendes, suas nuances ao longo da obra e o teor pornográfico do erotismo manifesto em seus poemas, dividiremos este estudo em quatro capítulos: **Mulheres de corpo e alma:** identificação do perfil das mulheres e de suas façanhas eróticas na escritura prosaica e poética de Murilo Mendes; **Erotismo e subjetividade:** predominância dos desejos, das angústias e das frustrações do poeta, materializadas pela figura erotizada da mulher; **Erotismo e coletividade:** detecção do espaço público como cenário dos encontros amorosos e manifestação do amor ao próximo como uma das formas do erotismo; **Erotismo místico:** elucidação, mediante o discurso poético, das relações que fazem ver o erótico nas extensões religiosas e sagradas do homem.

Para concretizarmos a essencialidade do erotismo na poesia de Murilo Mendes, recorreremos à obra *Poesia completa e prosa*, cujos versos servirão às argumentações a respeito das formas de amor presentes em seus poemas. Faremos, quando necessário, incursões pela prosa muriliana. Estamos nos referindo ao livro *A idade do serrote*, de Murilo Mendes, que, ao escrevê-lo, conecta-nos com o mundo de suas memórias.

Desse arquivo de ideias, interessam-nos aquelas que nos possibilitem entender o discurso erótico e o religioso da sua poesia, em cujo universo temático o poeta abriga elementos diferentes e tenta conciliá-los numa perspectiva religiosa em que o erótico e o místico se fundem.

Esperamos demonstrar a relação estabelecida na poesia de Murilo entre amor, erotismo e religiosidade e acrescentar aos estudos literários um conhecimento específico de sua poesia, no que se refere ao erotismo e seus matizes ou ramificações.